



# CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL PARA O CONCEITO DE MORTE CONSTRUCTION OF A PROFILE FOR THE CONCEPT OF DEATH

Aline Andréia Nicolli<sup>1</sup>  
Eduardo Fleury Mortimer<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, aanicolli@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Minas Gerias, Faculdade de Educação, mortimer@ufmg.br

## Resumo

Este artigo trata da construção de um Perfil Conceitual de Morte. Partimos da hipótese de que o conceito de Morte é polissêmico e, por isso, comporta uma diversidade de significados, usados em diferentes contextos. As zonas que constituem esse perfil foram identificadas por meio de diálogo entre estudos teóricos e dados empíricos. Os dados empíricos foram coletados por meio de questionário, composto por situações problemas e aplicado a acadêmicos de graduação dos Cursos de Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Medicina e Pedagogia e a alunos de duas sétimas séries, do Ensino Fundamental. Considerando aspectos epistemológicos e ontológicos, identificamos três zonas, que representam três níveis de compreensão do conceito de Morte: **naturalista**, incluindo concepções onde a Morte é entendida como resultado de processos ou propriedades biológicas, ou seja, é fato ou fenômeno natural, normal, inerente ao ser vivo; **religiosa**, na qual a Morte é compreendida como fato ou fenômeno que resulta de uma ‘vontade divina’, frequentemente vista como passagem para outra vida, ou para outro estado, onde se tem garantida a imortalidade da alma; e **existencialista**, na qual a Morte é concebida como fato ou fenômeno a ser negado, ocultado.

**Palavras-chave:** Perfil conceitual, Morte, Naturalista, Religiosa, Existencialista.

## Abstract

This work describes the construction of the conceptual profile of death. We depart from the hypothesis that the death concept is polysemous and, consequently, it has a diversity of meanings which are used in different contexts. The zones which constitute such profile were identified using a dialogue between empirical data and theoretical studies. The empirical data were collected using a questionnaire which was applied to undergraduate students of Biological Science, Social Science, Medicine, and Education, and to students of the 8<sup>th</sup> grade. Considering epistemological and ontological aspects, we identify three zones which represent three different ways of understanding the concept of death: **naturalistic**, which includes conceptions of death as resulting from biological processes or properties, i.e., death is seen as a natural phenomenon which is normal and inherent to living beings; **religious**, in which death is understood as a phenomenon that results from the “God wish”, and frequently it is seen as a passage for another life, or another state, in which the immortality of the soul is guaranteed; and **existentialist**, in which death is conceived as a phenomenon to be negate and occulted.

**Keywords:** conceptual profile, death, naturalistic, religious, existentialist

## 1 INTRODUÇÃO

A noção de Perfil Conceitual estabelecida por Mortimer (1996, 2001) refere-se ao fato de que cada conceito pode apresentar múltiplos significados que se encontram dispersos em zonas distintas e, por isso, abarcam uma diversidade de significados cotidianos e científicos.

As diferentes zonas que compõe um determinado Perfil Conceitual podem se relacionar e se influenciar mutuamente, ou seja, elas não são excludentes, mas sim complementares. Nesses termos, para aprender Ciências, o aluno não precisa abandonar suas concepções cotidianas. Ao contrário, um conceito pode ser aprimorado se considerarmos a possibilidade de agregar a ele outras zonas. Assim, segundo Mortimer (1996, 2001), as zonas de um determinado Perfil Conceitual são determinadas pelos compromissos epistemológicos e ontológicos do aluno e são construídas em um processo dinâmico e complexo de interação, no qual novos significados são internalizados. Apesar de cada indivíduo possuir seu perfil conceitual em relação a determinado conceito, as zonas que constituem esse perfil são sempre as mesmas em uma dada cultura, pois elas são formas de pensar que são construídas nas interações sociais e internalizadas pelos indivíduos.

Com esse trabalho buscamos responder a seguinte questão: Quais são as zonas que constituem o Perfil Conceitual de Morte? Para tanto tínhamos, como hipótese de trabalho, que o conceito de Morte comportava um perfil conceitual, ou seja, era polissêmico e, por isso, admitia vários significados.

A identificação das zonas, que ratificaram a hipótese acima apresentada, se deu por meio de um jogo dialógico entre estudos teóricos e empíricos, envolvendo pelo menos dois domínios genéticos: sociocultural e microgenético<sup>1</sup>.

Como pano de fundo desse trabalho está a consideração dos ‘modos de falar’, característicos de cada zona, que correspondem as ‘formas de pensar’ que compõe o Perfil Conceitual. Esses modos de falar normalmente se expressam por linguagens sociais e/ou gêneros de discurso (BAKHTIN, 1986).

Para Bakhtin (1981, 1986), o gênero de falas e a linguagem social são duas formas de estratificação da linguagem que asseguram a sua heterogeneidade. Uma linguagem social é “um discurso peculiar a um estrato específico da sociedade (linguagem profissional, linguagem de gerações, etc.) dentro de um dado sistema social e num dado tempo” (HOLQUIST, 1981, p.430). Todas as linguagens sociais são

pontos de vista específicos no mundo, formas para conceituar o mundo em palavras, visões de mundo específicas, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores (...), como tal elas se encontram umas com as outras e coexistem na consciência das pessoas reais (BAKHTIN, 1981, p. 291-2).

Na visão bakhtiniana um falante sempre produz um enunciado usando uma linguagem social específica que dá forma ao que ele pode dizer. Por outro lado,

um gênero de discurso não é uma forma de linguagem, mas uma forma típica de enunciado; como tal o gênero também inclui certas formas típicas de expressão que lhes são inerentes (...), gêneros correspondem a situações típicas da comunicação verbal, a temas típicos e, conseqüentemente, também a contatos particulares entre os significados das palavras e a realidade concreta, sob certas circunstâncias típicas. (BAKHTIN, 1986, p. 87)

Assim, enquanto uma linguagem social está relacionada com um ponto de vista específico, determinado pela posição profissional ou geracional, o gênero de discurso está relacionado ao lugar social e institucional onde o discurso é produzido.

Dessas considerações podemos inferir que, ao responder o instrumento de coleta de dados, o sujeito lança mão de uma linguagem social típica da sua profissão e geração (por

---

<sup>1</sup> Para Wertsch (1985), a teoria de Vigotski recorre ao método genético, entendido enquanto o estudo da gênese, sendo necessário considerar o desenvolvimento das funções mentais superiores em todas as suas fases e mudanças e em diferentes domínios genético – filogenético, sociocultural, ontogenético e microgenético.

exemplo, estudante de medicina) e também, de certa forma, produz enunciados específicos da sua condição acadêmica e/ou escolar. Buscar essas formas foi uma das tarefas fundamentais para se determinar as categorias que compõe as diferentes zonas do Perfil Conceitual de Morte.

Esperamos contribuir, com esse trabalho, com a elaboração de estratégias para o Ensino de Ciências, particularmente no que concerne as abordagens ao Ciclo de Vida, que são parte dos programas de Ciências no Ensino Fundamental. Essas estratégias devem considerar a existência de diferentes zonas para o conceito de morte, bem como os modos de falar e as formas de pensar, que são característicos de cada zona e que correspondem, ao lugar social ocupado pelos sujeitos.

### 3 METODOLOGIA

Iniciaremos a abordagem dos aspectos metodológicos dessa pesquisa destacando que, em nossa investigação, buscamos construir um Perfil Conceitual de Morte por meio de um jogo dialógico entre estudos teóricos e empíricos, no qual utilizamos uma variedade de fontes de dados, considerando dois domínios genéticos: o sociocultural e o microgenético.

Ao considerar o domínio sociocultural, o pesquisador estaria se propondo a realizar um estudo histórico sobre as idéias científicas existentes sobre o conceito de Morte. No domínio microgenético, considera-se os dados que emergem do trabalho empírico, ou seja, das falas de acadêmicos e dos alunos de Ensino Fundamental. O domínio microgenético implica resgatar conceituações construídas por ocasião de experiências cotidianas, ou seja, conceituações que se fazem presentes na cultura e podem ser utilizadas em sala de aula. O domínio microgenético espelha construções que ocorrem no curto prazo de uma intervenção, por exemplo, quando os sujeitos respondem ao questionário sobre Morte.

Para identificar a diversidade de idéias sobre Morte e o maior número possível de zonas para o conceito aplicamos o questionário a acadêmicos de quatro Cursos da Universidade Federal do Acre e a alunos de duas sétimas séries do Ensino Fundamental de uma Escola Pública, vinculada ao sistema estadual de Ensino, do Acre. A escolha dos sujeitos atendeu aos seguintes critérios: (1) no caso dos alunos de graduação: Investigar dois cursos das áreas Biológicas e Saúde<sup>2</sup> (Ciências Biológicas e Medicina), sendo um responsável pela formação de Licenciados e o outro pela formação de Bacharéis e dois cursos das áreas de Humanas<sup>3</sup> (Ciências Sociais<sup>4</sup> e Pedagogia), obedecendo também o critério referente à formação de Licenciados, no primeiro caso, e Bacharéis, no segundo; e (2) no caso dos alunos de Ensino Fundamental: duas turmas de alunos de 7ª série, posto que é nessa série que são abordados aspectos do Ciclo de Vida e, conseqüentemente, da Morte.

Construímos um questionário<sup>5</sup> contendo cinco questões, sendo que a questão cinco apresentava três subdivisões. O questionário foi respondido por 321 acadêmicos e 40 alunos do Ensino Fundamental e foi assim organizado:

A primeira questão<sup>6</sup> era aberta e tinha o objetivo de suscitar uma diversidade de respostas e promover a identificação de várias zonas do Perfil Conceitual de Morte.

As demais questões<sup>7</sup> objetivavam fazer o sujeito refletir, respectivamente, sobre a condição mortal dos vivos; sobre formas pelas quais a Morte pode se manifestar; sobre a concepção ‘divina da morte’; e sobre a Morte em três situações específicas que

<sup>2</sup> Considerando a classificação do CNPq.

<sup>3</sup> Considerando a classificação do CNPq.

<sup>4</sup> Considerando, nesse caso, suas três habilitações: ciências políticas, antropologia e sociologia.

<sup>5</sup> As situações – problemas foram organizadas a partir da análise dos questionários elaborados por Coutinho (2005) e Silva (2006), que desenvolveram seus estudos com o intuito de Construir um Perfil Conceitual de Vida.

<sup>6</sup> Ver quadro 01.

<sup>7</sup> Ver quadro 01.

hipoteticamente relatavam a Morte de diferentes sujeitos, com diferentes idades e diferentes papéis sociais.

**Quadro 01:** Questionário aplicado

1 Para você, o que é Morte?

2 Durante uma aula, um aluno faz a seguinte pergunta ao professor: Os vivos e não vivos são constituídos por várias substâncias, compostas pelos mesmos elementos químicos. Sendo assim, porque os vivos, diferente dos não vivos, morrem? Como você responderia essa questão?

3 Imagine a seguinte situação: alguém pede para você expressar sua opinião sobre de que forma a Morte pode se efetivar e/ou se manifestar em um determinado ser que até então era vivo. Como você responderia a questão?

4 Para muitas pessoas a Morte é resultado da 'Vontade Divina'. Qual sua opinião sobre o exposto?

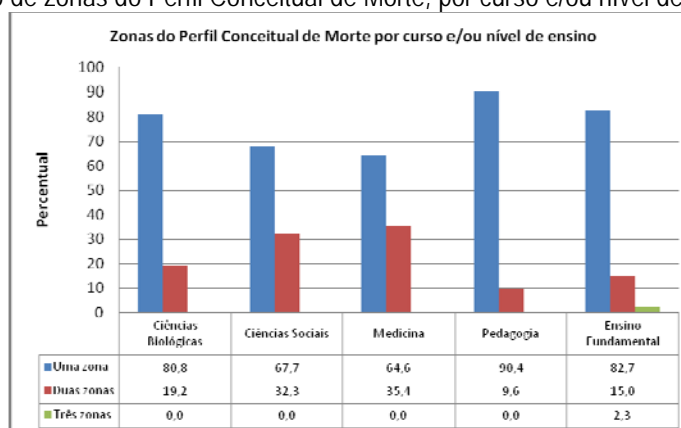
5 Quais considerações você teceria, sobre a Morte, diante de cada uma das notícias abaixo:

- Faleceu a avó, de 92 anos, de seu/sua melhor amigo(a).
- Faleceu o pai, de 55 anos, de seu/sua melhor amigo(a).
- Faleceu o irmão, de 26 anos, do seu/sua melhor amigo(a).

Com o intuito de viabilizar ao leitor uma melhor percepção dos resultados obtidos, considerando-se as escolhas metodológicas, apresentamos alguns gráficos, que possibilitam a percepção de dados sobre o que segue: (1) número de zonas que emergiram dos dados empíricos, por curso e/ou nível de ensino; (2) percentual para cada uma das zonas que emergiram em cada questão; (3) percentual de sujeitos que apresentaram uma mesma zona para responder as diferentes questões que compuseram o instrumento e (4) percentual de respostas que apresentaram uma ou mais de uma zona, por questão.

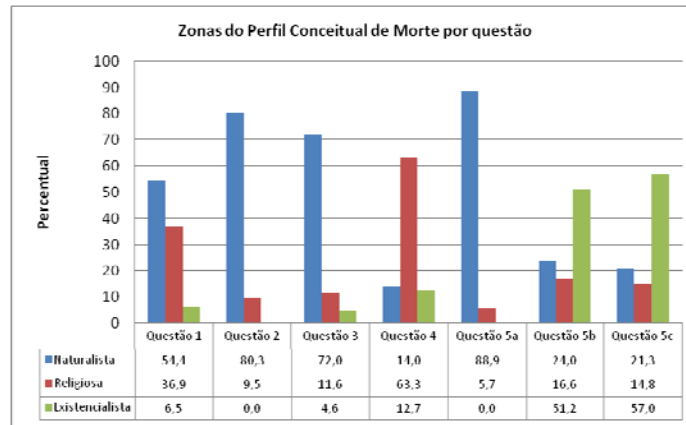
Na análise dos dados do gráfico 01 percebemos que a maior intensidade no aparecimento de duas zonas, em uma mesma resposta, está no Curso de Medicina, enquanto a menor frequência, quando do aparecimento de duas zonas, em uma mesma resposta, está no Curso de Pedagogia. Da mesma forma, observamos que somente entre os sujeitos do Ensino Fundamental é possível encontrar em uma mesma resposta as três zonas identificadas para o Perfil Conceitual de Morte.

Gráfico 01: Número de zonas do Perfil Conceitual de Morte, por curso e/ou nível de ensino



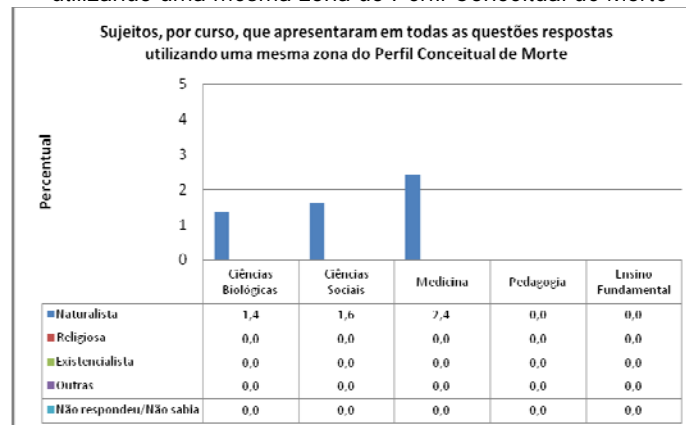
O gráfico 02, apresenta os dados que nos possibilitam a percepção de que as questões 01, 02, 03 e 05a, favoreceram o aparecimento, com 54,4%, 80,3%, 72% e 88,9%, respectivamente, de respostas na zona naturalista. A questão 04, por sua vez, favoreceu o aparecimento de um maior número de respostas na zona religiosa, com 63,3%, enquanto que as questões 5b e 5c concentraram maior número de respostas na zona existencialista com 51,2% e 57%, respectivamente.

Gráfico 02: Percentual de cada uma das zonas do Perfil Conceitual de Morte, por questão



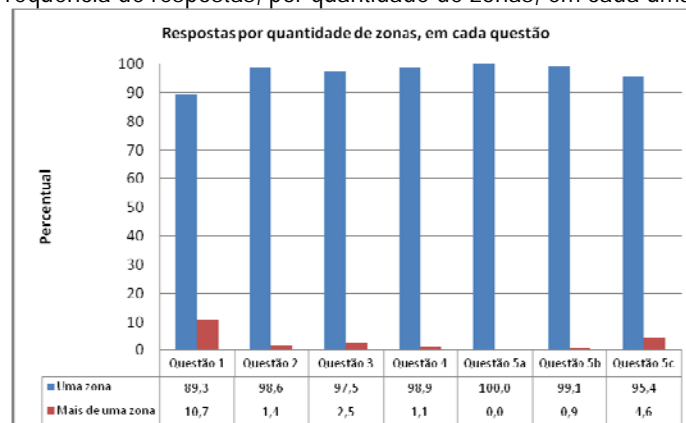
O gráfico 03 apresenta os dados que apontam que, excetuando o Curso de Pedagogia e o Ensino Fundamental, em todos os demais Cursos de Graduação foi baixa a frequência de sujeitos que, em todas as questões, apresentaram respostas numa mesma zona, no caso a naturalista. Isso reforça a nossa hipótese inicial de que o conceito de Morte comporta um perfil conceitual.

Gráfico 03: Percentual de sujeitos, por curso, que apresentaram em todas as questões respostas utilizando uma mesma zona do Perfil Conceitual de Morte



O gráfico 04, possibilita a percepção de que a questão 01: “Para você o que é morte?” foi a que apresentou, com 10,7%, a maior frequência, quando do aparecimento de mais de uma zona, nas respostas dos sujeitos. A questão 5a, no entanto, não favoreceu o aparecimento, em suas respostas, de mais de uma zona.

Gráfico 04: Frequência de respostas, por quantidade de zonas, em cada uma das questões



A análise conjunta, dos gráficos 01 e 04, mostra que o instrumento geralmente não possibilitou a emergência de mais de uma zona em uma só questão, mas possibilitou a emergência de mais de uma zona para um percentual expressivo de sujeitos quando considerado como um todo. Isso significa que os pesquisados podem não ter utilizado duas zonas para responder uma mesma questão, mas podem ter utilizado mais de uma zona para responder diferentes questões.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DAS ZONAS DO PERFIL CONCEITUAL

O exercício, que nos propomos a fazer, por meio do jogo dialógico, estabelecido entre aspectos teóricos e os dados empíricos, correspondente aos domínios sociocultural e microgenético, foi o de não (des)construir pontos de vistas opostos, mas ao contrário incluí-los numa estrutura teórica mais ampla. Assim, esse espaço não será utilizado para a apresentação de um conceito ou uma idéia singular, que atenda à ânsia humana de encontrar uma solução para os seus conflitos, medos, anseios referentes à Morte. Posto que o “conceito de morte [...] não é uma coisa única, mas sim uma composição de paradoxos [...] a própria morte não é apenas um estado, mas um símbolo complexo, cujo significado irá variar de uma pessoa para outra e de uma cultura a outra.” (Wahl, *apud* BECKER, 2007, p.40)

Dito de outra forma, o que realizaremos será a apresentação de três conceituações de Morte, que emergiram, da identificação das categorias, e, conseqüentemente, das zonas do Perfil Conceitual de Morte, por meio da pesquisa empírica e das análises teóricas,

**(a) Naturalista:** uma zona do Perfil Conceitual de Morte, construída pela articulação da perspectiva teórica organicista da vida, e nesse caso da Morte, com dados da empiria. Em termos teóricos, pode-se observar a zona naturalista emergindo nas posições dos autores escolhidos para compor esse estudo, na Tanatologia<sup>8</sup>, nas Ciências Biológicas<sup>9</sup> e na Medicina<sup>10</sup>, posto que a falta da vida, para essas áreas do conhecimento, se efetiva enquanto fenômeno resultante de uma disfunção orgânica e que, num momento ou noutro da vida, atingirá todos os seres humanos. Segundo Mayr (2008), a vida é resultado da realização simultânea e contínua de processos físicos e químicos e, podemos dizer que a sua falta, ou a Morte, resulta do desequilíbrio físico-químico que, por conseqüência, gera a cessação das atividades orgânicas vitais. A naturalidade da Morte pode ser percebida também nos escritos sociológicos de Elias (2001) e Morin (1997, 2002). Estes, além de falar da condição natural da Morte, chamam a atenção para a necessidade humana de, num primeiro momento, acreditar na imortalidade da alma e, num segundo momento, negar ou ocultar a existência da Morte. A perspectiva naturalista está presente também na forma como os indígenas<sup>11</sup> se comportam diante desse fenômeno.

Em termos empíricos cabe destacar que os dados apontam para o uso de alguns modos de falar que definem a posição naturalista do sujeito. Assim sendo, encontramos um conjunto de modos de falar típicos dessa zona. Em primeiro lugar, encontram-se expressões que fazem referência a órgãos, células, metabolismo, respiração, circulação, composição química, etc., atribuindo à Morte a condição de fenômeno que resulta na cessação das funções vitais do organismo, como externado na fala, “*Órgãos/células deixam de funcionar*”, ou ainda, “*Porque possuem características vitais, como metabolismo, respiração, circulação...*”. Em segundo, foi possível identificar menções ao ciclo de vida, enquanto etapa vivida por todo o ser humano, ou ainda, a suas expressões, como percebe-se na fala seguinte: “*Porque a morte é o último estágio pelo qual todo organismo vivo passa*”. Em terceiro, expressões que fazem

<sup>8</sup> D’Assumpção, 1984.

<sup>9</sup> Weismann, 1889; Mayr, 2008; Atlan, 1992.

<sup>10</sup> Kübler-Ross, 1998, 2005; Carrel, 1950.

<sup>11</sup> Lévi-Strauss, 2000.

referência à classe geral de seres vivos, como ‘todos’, ‘outros’ enquanto condição natural humana, por exemplo, na fala “*Todos os seres passam por isso.*” Outro modo de falar é aquele que expressa a Morte enquanto possibilidade ou capacidade de sucessão dos seres vivos, garantindo o equilíbrio natural. Como exemplo, temos as seguintes falas, “*Permite a sucessão dos seres e o equilíbrio natural*”, ou ainda, “*Porque uns precisam morrer para outros nascer*”. Por fim, são apresentadas as expressões que fazem referência à Morte como algo normal, parte da natureza humana. Como exemplo, temos as falas seguintes, “*É o normal*”, ou ainda, “*Porque é a natureza da vida*”.

**(b) Religiosa:** identificada por meio da análise da Morte na perspectiva difundida pelas diferentes religiões<sup>12</sup>, de acordo com alguns sistemas teológicos, como por exemplo, o Hinduísmo, o Budismo, o Judaísmo, o Cristianismo, o Espiritismo e o Islamismo. Pela cultura indígena<sup>13</sup>, na forma como cultuam seus mortos e a crença de que os espíritos permanecem entre os vivos. Na cultura africana<sup>14</sup>, para quem a Morte reflete o ‘duplo’, ou seja, o fim da vida terrena e o começo de uma ‘outra vida’, uma vida espiritual. Reconhece-se assim a mortalidade do corpo e a imortalidade da alma. Da mesma forma, sustentam teoricamente, essa zona do Perfil Conceitual de Morte, a filosofia de Platão (2004) e os escritos de Kierkegaard (2001).

Em relação à zona religiosa, também foi possível encontrar um conjunto de modos de falar típicos. Em primeiro lugar, as expressões que fazem menção a Morte na perspectiva do ‘duplo’, a dualidade corpo/alma, ou seja, a existência de outra vida, no pós-morte. São exemplos desses modos de expressão as falas “*Começo de uma vida espiritual eterna*”, ou ainda, “*Espírito sai do corpo / desencarnação da alma*”.

Em segundo, encontram-se expressões que fazem referência a ‘Deus’, a ‘Vontade Divina’ e expressões derivadas que fazem parte da linguagem de diferentes sistemas religiosos, como céu e inferno. São exemplos, as falas seguintes: “*Só acontece para quem não tem Jesus no coração*”, ou ainda, “*Momento no qual conheceremos o Criador*”, ou ainda, “*Continuidade da vida no céu ou inferno*”. Em terceiro, estão expressões que caracterizam a Morte enquanto destino, cumprimento de uma missão. São exemplos, do exposto, o que segue: “*Quando a pessoa terminou de cumprir seu papel/missão nessa vida*”, ou ainda”, “*Sim [a morte é vontade divina]. Chegamos ao mundo com nosso destino traçado/com um tempo certo*”. Em quarto estão as expressões que citam passagens bíblicas, como por exemplo: “*Sim [a morte é vontade divina]. Deus determina a hora certa, o salário do pecado é a morte*”, ou ainda, “*Deus permite a morte, mas ela não é sua vontade*”, ou ainda, “[A morte é] *libertação de uma prisão chamada vida*”.

**(c) Existencialismo:** é uma zona do Perfil onde estão as posições que apontam os medos, as angústias e a dificuldade que o homem tem em pensar e/ou corporificar sua própria Morte como sendo os responsáveis pela sua ocultação e negação. Por outro lado, explicitam também aspectos da zona existencialista visões da morte numa perspectiva histórica e cultural. Ou seja, independente da existência física, o homem se fará presente, entre os vivos, por sua história, suas obras.

Na teoria percebemos a ratificação do que estamos denominando zona existencialista da Morte em escritos como os da Tanatologia<sup>15</sup> quando do reconhecimento de que a consciência da finitude da vida traz para o homem, implicações históricas, culturais e sociais. Em Freud (1976) quando aponta que o ser humano insiste no caráter ocasional da morte: acidentes, doenças, infecções, velhice adiantada, como alternativa para despojar a morte de todo o caráter de necessidade, fazendo-a parecer um acontecimento acidental. Fromm (1987),

<sup>12</sup> Corrêa, 2008; Chiavenato, 1998; Vernant, 1991.

<sup>13</sup> Lévi-Strauss, 2000.

<sup>14</sup> Verger, 1987.

<sup>15</sup> D’Assumpção, 1984.

para quem a negação da morte resultado da necessidade humana de se sentir proprietário das coisas e das pessoas. Para Elias (2001) e Morin (1997, 2002), é a consciência da morte que acompanha o ser humano desde a infância, como consciência da destruição absoluta daquilo que lhe é mais precioso, a vida, o seu próprio eu, que faz emergir os mecanismos de negação. Em suma, negar ou ocultar a Morte decorre da necessidade que o homem tem de viver sem se preocupar com a sua finitude.

A zona existencialista também possibilitou a identificação de um conjunto de modos de falar típicos. Em primeiro lugar, estão expressões que fazem menção a Morte como fato que provoca medo, angústia, desespero, expressando a dificuldade de aceitação. Como exemplos temos o que segue, “A [morte é a] *coisa mais terrível do planeta*”, ou ainda, “[A morte] *é uma fatalidade*”, ou ainda, “*Difícil aceitar*”. Em segundo lugar temos as expressões que traduzem a percepção da morte enquanto mistério, o desconhecido, o incerto. São exemplos, “[A morte] *é um mistério*”, ou ainda, “[A morte é] *desconhecida por todos e idealizada por muitos*”.

Em terceiro estão às expressões que caracterizam a morte em decorrência de um enunciado específico, provocado, nesse caso, pelas questões 5b e 5c. Ao contrário dos exemplos anteriores, onde a morte era caracterizada por meio da utilização de uma linguagem social, nesse caso temos caracterizações da morte como parte de um gênero de discurso, em resposta a situações de comunicação específicas, quais sejam: Quais considerações você teceria, sobre a Morte, diante de cada uma das notícias que seguem: (i) Faleceu o pai, de 55 anos, de seu/sua melhor amigo(a) e (ii) Faleceu o irmão, de 26 anos, de seu/sua melhor amigo(a). São exemplos dessas caracterizações as seguintes falas, “*Poderia viver um pouco mais*”, ou ainda, “*Chegou na hora errada*”, ou ainda, “*Viveu menos que a expectativa*”. Em quarto, está um conjunto de expressões que apontam à morte como sendo resultado das escolhas, ações humanas, encontradas principalmente nas respostas das questões 01 e 04. São exemplos, as seguintes expressões: “*Ficam lembranças, embora seja o fim de uma história e/ou de relações sociais*”, “*Desconhecida por todos e idealizada por muitos*”, “*Às vezes acho que sim. Mas é uma desculpa para o consolo da perda e para o não desespero dos vivos*”.

Podemos dizer que a zona existencialista resulta daquilo que está posto nas zonas naturalista e religiosa. Pela sua consciência, o ser humano é sabedor do fato de que todo organismo vivo, morre. Pela sua consciência, também, vivencia a experiência incerta da crença na imortalidade. Por isso, trabalha intensamente para construir mecanismos de negação, que tornem o menos traumática possível a convivência com a certeza da morte e a incerteza da continuidade da vida na eternidade.

Por fim, importa reconhecer que não existem grupos específicos que se empenham em negar a morte ou em abordar aspectos sobre o desaparecimento do corpo e a manutenção da história, das lembranças que caracterizam as ações humanas. O que existe são teorias sociológicas e psicológicas que buscam explicar ou elucidar as causas, os motivos que conduzem o humano a construir, consciente ou inconscientemente, mecanismos de negação e/ou ocultação da morte.

## **5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

Nesta seção, dada a limitação de espaço, apresentaremos apenas os resultados obtidos para os cursos de Ciências Biológicas e Ciências Sociais e para os alunos do Ensino Fundamental. Escolhemos esses dois cursos por se tratarem de cursos com perfis diferenciados, pois um é curso de licenciatura e o outro de bacharelado. Além disso, um situa-se na área de ciências biológicas e o outro na área de humanas. Escolhemos também os alunos do Ensino Fundamental pois estes apresentam resultados diferenciados em relação às questões 1 e 5.



Necessário dizer que o número de categorias em cada questão pode apresentar variação em seu total. Isso porque algumas respostas apresentaram, no questionário de um mesmo sujeito, mais de uma zona. Destacamos que centramos nossa análise nos enunciados categorizados e não nos sujeitos.

Nas tabelas 01 e 02 temos a totalização dos dados, para cada questão elaborada para identificar o Perfil Conceitual de Morte, dos Cursos de Ciências Biológicas e Ciências Sociais. Na tabela 03 estão os dados das sétimas séries do Ensino Fundamental.

Tabela 01: Ciências Biológicas: Frequência e percentual das zonas, para cada uma das questões

ZONAS	QUESTÃO 1		QUESTÃO 2		QUESTÃO 3		QUESTÃO 4		QUESTÃO 5a		QUESTÃO 5b		QUESTÃO 5c	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
<b>Naturalista</b>	<b>48</b>	<b>60,0</b>	<b>71</b>	<b>94,7</b>	<b>54</b>	<b>74,0</b>	9	12,3	<b>69</b>	<b>94,5</b>	20	27,0	22	27,1
<b>Religiosa</b>	27	33,8	4	5,3	10	13,7	<b>52</b>	<b>71,2</b>	4	5,5	12	16,2	10	12,4
<b>Existencialista</b>	4	5,0	0	0,0	4	5,5	9	12,3	0	0,0	<b>40</b>	<b>54,1</b>	<b>46</b>	<b>56,8</b>
Outras	1	1,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não respondeu/ Não sabia	0	0,0	0	0,0	5	6,8	3	4,2	0	0,0	2	2,7	3	3,7
<b>Total <sup>16</sup></b>	<b>80</b>	<b>100</b>	<b>75</b>	<b>100</b>	<b>73</b>	<b>100</b>	<b>73</b>	<b>100</b>	<b>73</b>	<b>100</b>	<b>74</b>	<b>100</b>	<b>81</b>	<b>100</b>

Tabela 02: Ciências Sociais: Frequência e percentual das zonas, para cada uma das questões

ZONAS	QUESTÃO 1		QUESTÃO 2		QUESTÃO 3		QUESTÃO 4		QUESTÃO 5a		QUESTÃO 5b		QUESTÃO 5c	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
<b>Naturalista</b>	<b>38</b>	<b>51,4</b>	<b>47</b>	<b>73,4</b>	<b>43</b>	<b>65,2</b>	13	20,3	<b>53</b>	<b>85,5</b>	12	18,8	9	13,4
<b>Religiosa</b>	30	40,5	1	1,6	7	10,6	<b>36</b>	<b>56,3</b>	5	8,1	11	17,1	9	13,4
<b>Existencialista</b>	6	8,1	0	0,0	4	6,0	8	12,5	0	0,0	<b>35</b>	<b>54,7</b>	<b>43</b>	<b>64,2</b>
Outras	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não respondeu/ Não sabia	0	0,0	16	25,0	12	18,2	7	10,9	4	6,4	6	9,4	6	9,0
<b>Total <sup>17</sup></b>	<b>74</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>66</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>62</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

Tabela 03: Ensino Fundamental: Frequência e percentual das zonas, para cada uma das questões, nas Sétimas série

ZONAS	QUESTÃO 1		QUESTÃO 2		QUESTÃO 3		QUESTÃO 4		QUESTÃO 5a		QUESTÃO 5b		QUESTÃO 5c	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
<b>Naturalista</b>	<b>19</b>	<b>43,2</b>	<b>36</b>	<b>87,8</b>	<b>26</b>	<b>63,4</b>	3	7,5	<b>31</b>	<b>77,5</b>	<b>14</b>	<b>35,0</b>	16	39,0
<b>Religiosa</b>	15	34,1	3	7,3	4	9,8	<b>34</b>	<b>85,0</b>	4	10,0	11	27,5	7	17,1
<b>Existencialista</b>	9	20,5	0	0,0	2	4,9	1	2,5	0	0,0	12	30,0	<b>17</b>	<b>41,5</b>
Outras	1	2,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não respondeu/ Não sabia	0	0,0	2	4,9	9	21,9	2	5,0	5	12,5	3	7,5	1	2,4
<b>Total <sup>18</sup></b>	<b>44</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

Em relação à questão 01: “*Para você o que é MORTE*”, os maiores percentuais estão na zona naturalista, com 60%, 51,4% e 43,2%, nos Cursos de Ciências Biológicas, Ciências Sociais e Ensino Fundamental, respectivamente. Foi possível perceber também percentuais expressivos, 33,8%, 40,5% e 34,1%, nos três contextos<sup>19</sup>, na zona religiosa. A zona

<sup>16</sup> Participaram da pesquisa 73 sujeitos, do Curso de Ciências Biológicas.

<sup>17</sup> Participaram da pesquisa 62 sujeitos, do Curso de Ciências Sociais.

<sup>18</sup> Participaram da pesquisa 40 sujeitos, do Ensino Fundamental – 7ª série.

<sup>19</sup> Cursos e/ou nível de ensino.

existencialista, por sua vez, é apontada para conceituar Morte, em 20,5% das respostas dos alunos de Ensino Fundamental.

Quando a discussão se refere à questão 02: “*Durante uma aula, um aluno faz a seguinte pergunta ao professor: Os vivos e não vivos são constituídos por várias substâncias, compostas pelos mesmos elementos químicos. Sendo assim, porque os vivos, diferente dos não vivos, MORREM? Como você responderia essa questão?*”, percebemos que ela favoreceu, nos três contextos, a manifestação da zona naturalista.

A questão 03, por sua vez, “*Imagine a seguinte situação: Alguém pede para você expressar sua opinião sobre de que forma a MORTE pode se efetivar e/ou se manifestar em um determinado ser que até então era vivo. Como você responderia a questão?*” favoreceu, nas três situações, a manifestação da zona naturalista. Assim, a morte poderia ser pensada como um fato incontestável, assim como o nascer. É um processo normal pelo qual todos os seres humanos terão de passar. (KUBLER-ROSS, 2005)

No que diz respeito à condição da morte ser algo definida por ‘algo superior’, como é o caso da questão 04 que diz: “*Para muitas pessoas a MORTE é resultado da vontade “Divina”. Qual sua opinião sobre o exposto?*” percebemos que 71,2% dos acadêmicos de Ciências Biológicas apresentam respostas que correspondem à zona religiosa. São altos os percentuais da zona religiosa, também, no Curso de Ciências Sociais e no Ensino Fundamental. Chama a atenção, nessa questão, a alta manifestação da zona naturalista, entre os acadêmicos de Ciências Sociais.

A questão 05 encontrava-se subdividida em a, b e c e solicitava que fossem tecidas considerações para cada uma das seguintes notícias: 5a “*Faleceu a avó, de 92 anos, de seu/sua melhor amigo(a)*”, 5b *Faleceu o pai, de 55 anos, de seu/sua melhor amigo(a)* e 5c “*Faleceu o irmão, de 26 anos, do seu/sua melhor amigo(a)*”.

Em Ciências Biológicas 94,5% dos sujeitos se valeram da zona naturalista, para responder a questão 5a. Nas questões 5b e 5c, no entanto, com 54,1% e 56,8%, respectivamente, a zona mais utilizada foi a existencialista. Em Ciências Sociais, temos o mesmo cenário, posto que a questão 5a favoreceu a manifestação da zona naturalista, enquanto as questões 5b e 5c favoreceram a manifestação da zona existencialista. Situação diferenciada é encontrada nos dados do Ensino Fundamental. Nesse caso, os sujeitos utilizaram a zona naturalista para responder as questões 5a e 5b e a zona existencialista para responder, apenas, a questão 5c.

Em síntese, temos na questão 01, que fazia referência à Morte, em termos gerais, a manifestação da zona naturalista. As questões 5b e 5c, que faziam referência à Morte em situações específicas, no caso um pai com 55 anos e um irmão com 26 anos, favoreceram o aparecimento de altas frequências na zona existencialista. A questão 02, 03 e 5a favoreceram a manifestação da zona naturalista. A questão 04, por sua vez, favoreceu a manifestação da zona religiosa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações obtidas, no decorrer deste estudo, por meio dos dados coletados e das análises teóricas possibilitaram, primeiramente, a proposição de um Perfil Conceitual para Morte o que ratificou nossa hipótese inicial de trabalho.

Na seqüência, se fez possível a caracterização das zonas do Perfil Conceitual de Morte, por meio do diálogo estabelecido entre a teoria e os dados empíricos. Como resultado desse diálogo, identificamos três zonas para o Perfil Conceitual de Morte: (a) naturalista, (b) religiosa, (c) existencialista. No primeiro caso, a morte se apresenta como sendo um fenômeno orgânico, inerente à vida. Na zona religiosa, a morte apresenta-se como resultado da ‘vontade divina’ e indica o fim da vida terrena e, por consequência, o início de uma vida

eterna. Na zona existencialista, estão os aspectos referentes a história, lembranças, ou ainda, à ocultação da morte e à sua não aceitação.

A reconstrução teórica aponta, da mesma forma que os dados empíricos, que quando a discussão refere-se a morte, concorrem três questões específicas: (a) De um lado: o reconhecimento da morte como fato biológico; (b) De outro: a crença na vida eterna e na manutenção da alma e (c) Por fim, na certeza da primeira e na incerteza da segunda: a ocultação, a negação, não aceitação da morte.

Em suma, necessário apontar que as análises se delinearão de acordo com nossa intenção inicial, posto que foi possível utilizar dois domínios genéticos: o sociocultural e o microgenético.

De forma geral, podemos perceber que, com exceção da questão 5a, que não apresentou a zona existencialista, as demais questões possibilitaram, em pelo menos um contexto, a manifestação das três zonas. Assim, podemos realizar uma avaliação positiva do instrumento elaborado, pois ele favoreceu a manifestação das diferentes zonas.

Os dados empíricos apontam que, excetuando a questão 04, as demais questões, em um contexto ou noutro, favoreceram, com altas frequências, a manifestação da zona naturalista. A manifestação da zona religiosa foi favorecida pelas questões 01 e 04. A zona existencialista, por sua vez, encontrou força nas questões 5b e 5c. Percebemos, assim, que diferentes questões possibilitaram a manifestação de diferentes zonas, o que ratifica a idéia de Perfil Conceitual, posto que as zonas que o constituem devem ser utilizadas em contextos diferentes.

Outro fator importante refere-se à identificação, mesmo que com pouca expressividade, de sujeitos que atribuíram respostas em todas as questões se utilizando de uma única zona e esta, no caso, foi a naturalista. Assim, pode-se inferir que, de certa forma, é mais plausível questionar as zonas religiosa e existencialista da morte, do que a zona naturalista.

Os dados apontam que a morte, quando considerada de forma geral, foi conceituada como sendo um fenômeno natural, biológico, inerente à condição humana. No entanto, quando pensada em termos específicos, como, por exemplo, fazendo referência a um sujeito com papel social e/ou idade específica, esse cenário sofre uma alteração e a zona existencialista, passa a assumir maior expressividade.

Constatamos também que a zona naturalista foi a que, de forma geral, se fez mais evidente. Os percentuais mais expressivos dessa zona foram encontrados no Curso de Ciências Biológicas. Esse dado faz emergir a reflexão de que o lugar de onde o sujeito fala pode, de certa forma, possibilitar a atribuição de um significado peculiar ao conceito de morte externado. Ou seja, os acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas podem, em virtude de seu ambiente acadêmico, ter desenvolvido um modo de falar próprio que favoreceu a conceituação de morte numa perspectiva naturalista.

Ao considerar as zonas do Perfil Conceitual de Morte, há que se refletir que o ensinar e o aprender não são processos singulares, específicos de um determinado campo científico. Ao admitirmos a existência de uma diversidade de zonas para um único conceito, no caso a Morte, faz-se necessário também que admitamos a diversidade e a heterogeneidade de abordagens que deverão passar a compor os processos de ensinar e de aprender, sem, no entanto, superficializar ou relativizar a função pedagógica das instituições educacionais e/ou o processo de aquisição do conhecimento.

## 7 REFERÊNCIAS

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, 1986.
- BECKER, E. **A negação da morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. 3.ed. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Record, 2007.
- CARREL, A. **O homem perante a vida**. Tradução de Cruz Malpique. Porto: Educação nacional, 1950.
- CHIAVENATO, J. J. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.
- COUTINHO, F. **A construção de um perfil conceitual para a vida**. 2005. 183f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- CORRÊA, J. A. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.
- D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Morte e suicídio**: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- FROMM, E. **Ter ou ser?** 4. ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LCT, 1987.
- HOLQUIST, M. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.
- KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. Martin Claret: São Paulo, 2001.
- KUBLER-ROSS, E. E. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Viver até dizer adeus**. Tradução de Henrique Amat Rego Monteiro. São Paulo: Pensamento, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- MAYR, E. **Isto é biologia**: a ciência do mundo vivo. Tradução de Cláudio Ângelo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O método 2**: a vida da vida. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORTIMER, E. F. **Construtivismo, mudança conceitual e o ensino de ciências**: para onde vamos? In: investigações em ensino de ciências. 1:20-39, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Perfil conceitual**: formas de pensar y hablar en las clases de ciencias. Infancia Y Aprendizaje, 24 (4): 475-490, 2001.
- PLATÃO. **Fédon**: diálogo sobre a imortalidade da alma. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Reedel, 2004.
- SILVA, F. **O perfil conceitual para a vida**: ampliando as ferramentas metodológicas para sua investigação. 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- VERGER, P. **Retratos da Bahia**. Salvador: Corrupio, 1987.
- VERNANT, J. P. **A morte nos olhos**. Tradução de Clovis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- WEISMANN, A. **Life and death**. In: Essays upon heredity and kindred biological problems. Oxford: At the clarendon press, 1889.
- WERTSCH, J. V. **Vygotsky and the social formation of mind**. Cambridge: Havard University Press, 1985.